



Revista Estudos Feministas

ISSN: 0104-026X

ref@cfh.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil

de Oliveira Ramos, Tânia Regina; Campello, Eliane
Almanaque de representações
Revista Estudos Feministas, vol. 24, núm. 1, enero-abril, 2016, pp. 199-204
Universidade Federal de Santa Catarina
Santa Catarina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38143846013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Tânia Regina de Oliveira Ramos

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

Eliane Campello

Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil

Almanaque de representações



Esta obra está sob licença Creative Commons.

Consciousness is Power
Judith Fetterley

¹ FETTERLEY, Judith. Introduction: On the Politics of Literature. In: _____. *The resisting reader: a feminist approach to American fiction*. Indiana UP, Bloomington, 1981, p. xi-xxvi [tradução livre]. Embora o foco da autora seja a Literatura Americana, seu posicionamento teórico serve perfeitamente à mesma situação em qualquer literatura no ocidente.

² Énfase da autora.

"A literatura é política. É doloroso ter que insistir neste fato, mas a necessidade desta insistência indica a dimensão do problema", afirma Judith Fetterley no texto introdutório a *The resisting reader*, intitulado "Acerca da política da literatura".¹

Mais doloroso, entretanto, é percebermos que, em nosso tempo - ano 2015, século XXI -, as palavras de Fetterley, dirigidas à sociedade de 1981, ainda refletem uma realidade. Para a autora, uma das causas que mantém a literatura indisponível ao conhecimento das leitoras, e, em consequência, "impalpável",² é a postura do apolítico, o disfarce de que a literatura fala de verdades universais por meio de formas a partir das quais tudo o que é meramente pessoal, puramente subjetivo, tenha desaparecido ou, ao menos, sido transformado por meio da arte em simples representação. Quando apenas uma realidade é encorajada, legitimada e transmitida, esta visão limitada insiste na universalidade.

Este procedimento tradicional na avaliação crítica da literatura pode ser revertido. Torna-se evidente a transgressão, na medida em que a base teórica, que dá sustentação às análises de obras literárias, parte de um ponto de vista feminista. Com isto, ouvem-se múltiplas vozes, enquanto autoras se empoderam e apoderam-se de um olhar diferenciado, inovador e provocativo frente a uma mesma realidade: a ficção.

Embora Fetterley esteja preocupada com a ficção, seus argumentos em *The resisting reader* podem também alcançar tanto textos não ficcionais, quanto textos relacionados a outras áreas do conhecimento que não a Literatura propriamente, como, por exemplo, questões de gênero no âmbito da História, da Linguagem, da Linguística e da Psicanálise. O fator relevante, para a autora, diz respeito à leitora. Acrescentamos às noções desta teórica que a expectativa, quando se trata da função-leitora, é que esta seja responsável à ideologia do texto, ao otimizar a compreensão do tema ali discutido. Este re/conhecer leva, também, o nome de agenciamento (*agency*)³, de desempenho adequado em direção às proposições nucleares do discurso lido. Quanto mais a leitora se convence de certa realidade exaltada no texto, mais empoderada ela será.

Este discurso do empoderamento desvela uma subjetividade diversa, capaz de transmudar a velha universalidade. O exame do discurso (literário ou não) de autoria feminina pelo viés deste olhar transgressor significa iluminar de que modo as atitudes em relação às mulheres delineiam suas formas e conteúdo. Em consequência, mudamos nossa compreensão dessas ficções (ou de qualquer outro gênero textual), nossa relação com elas e o efeito das mesmas em nós.

Para Fetterley, "... ler o cânone do que é considerado clássico é, necessariamente, identificar-se com o masculino. [...] nestas ficções a leitora é cooptada para participar em uma experiência da qual ela é explicitamente excluída; ela é chamada a se identificar com um *self* que se define em oposição a ela; ela é requerida a se identificar contra ela mesma".⁴ Esta exclusão vincula-se diretamente à política da literatura, assim como à de qualquer outra disciplina. O aspecto importante recai no fato de a leitora ser chamada a identificar-se com uma experiência diferente da sua, a do masculino, o que leva à conclusão de que ser masculino é ser universal, é ser "não feminino"⁵ (1981, p. xiii). Nesta perspectiva, a leitora é conduzida a uma situação na qual perde qualquer resquício de poder, o que caracteriza uma ironia e aponta para a sua indignidade.

Entretanto, quando se pensa no conjunto de artigos publicados nesta edição da Revista de Estudos Feministas, o quadro acima descrito reverte-se. São oito textos que emulam a imaginação e a criatividade da leitora, além de favorecerem a sua identificação com as experiências relatadas. Os artigos relacionam-se com esferas diversas, tais quais a História, a Música, a Política, a Psicanálise, a Linguística, além, é claro, a Literatura. Pesquisadoras brasileiras e espanholas dividem o espaço narrativo, embora sua atuação discursiva pareça ser dirigida, explicitamente

³ Por *agency* entende-se a capacidade de agir.

⁴ 1981, p. xii.

⁵ 1981, p. xiii.

ou não, a um objetivo único: o processo de informação à leitora e à expectativa de seu convencimento da validade da ideologia que permeia o texto. É como expresso pela pesquisadora espanhola: “La teoría de la recepción literaria [ou não] se basa en la percepción de la persona lectora respecto a la obra”.⁶

O objeto de estudo de quatro dos artigos é a ficção. Os demais abordam assuntos vinculados à linguagem, à imprensa, à política e à educação. Todos, porém, na perspectiva de gênero.

Em “A imprensa feminina no Rio de Janeiro nas décadas finais do século XIX”, artigo vinculado à área da História, o objetivo é o de analisar os jornais: *O Sexo Feminino* (1873-1889),⁷ *Echo das Damas* (1879-1888) e *A Família* (1888-1894). Embora todos sejam de propriedade de mulheres e defendam a importância da educação, do trabalho e do voto feminino, a ênfase do artigo recai neste último jornal citado, dirigido por Josephina Álvares de Azevedo, que o divulgou amplamente pelo território nacional. O sucesso deste jornal deve-se ao fato de a defesa da emancipação feminina nele presente ser muito mais contundente que nos demais. “Conforme afirma Zahidé Lupinacci Muzart, a necessidade da conquista de direitos foi o que motivou as mulheres a fundar e dirigir periódicos”, explica a autora Karoline Carula.

Nos artigos, “Las Mujercitas’ del Franquismo”: cómo enseñar y aprender un modelo de feminidad (1936-1960)”, de Matilde Peinado Rodríguez e “Luciana de Abreu no Parthenon Litterario (Porto Alegre, 1873): criação de redes e de possibilidades femininas a partir das margens”, de Cássia Daiane Macedo da Silveira, apesar da distância temporal e geográfica, há um ponto de contato altamente relevante entre eles: a instrução das mulheres. No primeiro caso, já explícito no próprio título, durante este período⁸ de ditadura espanhola, a autora, ligando esta ao catolicismo nacional, analisa os múltiplos âmbitos de um modelo particular de feminilidade imposto às mulheres. Ela nos fala de um *curriculum oculto*, pautado em leituras, conselhos, discursos, reflexões e, além de outras fontes, no catecismo, na “feminilidade do silêncio” e na “novela rosa” – escrita a partir do entorno dos espaços femininos. Alinhado à ideologia do franquismo, podemos falar da finalidade da Sociedade do Partenon Literário: instruir as mulheres da Província de São Pedro. Entretanto, Luciana de Abreu (1847-1880), a criança abandonada na roda da Santa Casa de Misericórdia, que chega a ser escritora e professora e que se torna a primeira mulher, no Brasil, a entrar para uma sociedade literária, mostra as brechas que a ela se abrem e os limites que lhe são impostos, quando o tema é a inserção das mulheres na vida pública.

⁶ Em: “Del príncipe azul al exitoso millonario: Cincuenta sombras de Grey”.

⁷ Este após a República passou a se chamar *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino* (1889-1890).

⁸ O “Franquismo” se estende de 1936 a 1977, embora Franco tenha morrido em 1975.

No artigo de Elizabeth Povinelli, “Pragmáticas íntimas. Linguagem, subjetividade e gênero”, a autora articula trabalhos recentes sobre metapragmática e gênero com “uma abordagem de inspiração psicanalítica sobre subjetividade e desejo”. Cada ordem liga-se as outras e às substâncias corporais, sem descuidar dos contextos em que se inserem. Nesse viés, a autora questiona a articulação clara entre a estrutura linguística e o gênero social e busca explicar por que se tornar um sujeito da linguagem munido de um gênero significa que este sujeito vai sofrer por razões puramente linguísticas.

Os artigos cujos assuntos se referem a obras ficcionais, também, de certa forma, ligam-se por uma linha de pensamento comum: embora analisem textos dos séculos XX e XXI, voltam-se para uma perspectiva histórica, ao buscar bases argumentativas na Antiguidade e em séculos anteriores.

Em “As mocinhas heroínas’ das fotonovelas da revista Capricho (décadas de 1950 e 1960)”, de Raquel de Barros Pinto Miguel, há várias situações identificadas com personagens e temas que estruturam os tradicionais contos-de-fadas. A todo momento, a autora lembra estas associações, como, por exemplo, as mocinhas órfãs e sofredoras, que se aproximam de Branca de Neve e de Cinderela, a rivalidade feminina, que leva as heroínas a competir pelo amor e atenção de um homem, além da presença frequente da figura da madrasta, bem aos moldes da madrasta má, que humilha a “Gata Borralheira”. A pergunta lançada pela autora não é retórica – “Mas da onde viria esta relação estreita entre o conteúdo das fotonovelas e o dos contos de fadas?” –, pois as explicações vão surgindo ao longo de seu texto.

No artigo de Delia Monteiro Fernández e Ángel Hernando Gómez, o título mesmo já explicita esta mesma relação entre a ficção do século XXI e os contos-de-fadas, conforme se vê em “Del príncipe azul al exitoso millonario: *Cincuenta sombras de Grey*”. Aliás, a ênfase na recepção literária, ou seja, na percepção da leitora, interesse primeiro deste artigo,⁹ devido aos milhões de mulheres em inúmeros países que leram os *Cinquenta tons*, conduz a pesquisa a séculos anteriores. Isto, na tentativa de reunir as principais causas de qualificar este romance como um best-seller do século XXI. Nesse âmbito, a autora deixa claro seu objetivo: “Dado que esta novela realiza una apología de la violencia de género, este estudio pretende analizar las claves de su éxito donde se valore la desigualdad de género existente en la sociedad a partir de la aceptación de los mitos del amor romántico y los micromachismos representados en esta obra”. Para resolver essas questões, ela se volta para

⁹ A autora entrevista 102 sujeitos (4 homens e 98 mulheres), leitoras/es de *Cinquenta tons de cinza*.

assuntos como sadomasoquismo [o que nos remete à *Justine* (1791) e à *Juliette* (1801), heroínas de Sade, da transição do século XVIII para o XIX]. Depois de passar por conceitos relacionados ao “soft pornô” para mulheres, as relações entre o dominante e a submissa, a autora conclui que a masculinidade está associada ao poder e que este romance não responde ao empoderamento das mulheres, pois está mais próximo a um conto-de-fadas. O prazer das leitoras recai na combinação entre amor romântico e erotismo. Mais uma vez, a explicação de atitudes contemporâneas é remetida a tempos passados.

Mais um dos artigos – “E a Bela dançou...”: subversão de paradigmas de beleza feminina em “Ugly and The Beast” e “The Tiger’s Bride” –, de Maria Cristina Martins, vai buscar respaldo argumentativo nos contos-de-fadas tradicionais. Neste texto, no entanto, a relação entre as reescrituras contemporâneas e a tradição é extremamente íntima. Trata-se de um ato revisionista não só de técnicas narrativas (do conto tradicional para os contos de fins do século XX), mas, principalmente e, mais relevante, da reversão da essência temática. Se em “A bela e a fera”, de Jeanne-Marie Le Prince de Beaumont, publicado em 1756,¹⁰ há uma mitologização da beleza feminina, em Barbara G. Walker e Angela Carter, a bela vira fera e é feia.

Até mesmo a cantora Björk, em *Vespertine*, considerado seu álbum mais feminino, de 2001, vai buscar em E. E. Cummings (1894-1862), poeta estadunidense, textos para musicá-los e adaptá-los, o que ocorre especialmente na versão *Sun in my mouth*. Björk, numa visão feminina, que oscila entre os referentes de Lilith, “a mulher que encontra sua liberdade fora da sociedade” e Eva, a submissa, alcança um resultado de grande valor artístico. Entretanto, para a pesquisadora Jordi Mas López, da Universitat Autònoma de Barcelona, em “Entre Lilith y Eva: Björk canta E. E. Cummings”, existe uma contradição na simbologia sugerida pela cantora. Björk é bastante conservadora, afirma a pesquisadora, quando relaciona a boca com a vagina, matriz onde supostamente reside a identidade da mulher. Apesar de ser considerada “moderna”, Björk decepciona e “resulta un poco desconcertante escuchar cómo a lo largo del disco la protagonista femenina accede a ocupar un papel de subordinación respecto al hombre, o identifica la maternidad como su razón de ser mujer”.

Em todos os artigos, sobressai a avaliação de certos eventos discursivos (aqui incluímos as obras analisadas, tanto as ficcionais quanto as não ficcionais), na medida em que as análises apresentam um ponto de vista inesperado, surpreendente, em alguns casos, assombroso mesmo. As pesquisadoras sabem como sacudir as leitoras, deslocando-

¹⁰ Este conto é baseado na história da Dama de Villeneuve, publicada em 1740.

¹¹ "The method that is required is not one of correlation but of *liberation*" (1981, p. xix).

as de seu nicho de conforto, forçando-as a olhar para a vida a partir de um novo ângulo. Para Mary Daly, "o método que é requerido não é o de correlação, mas o de *liberação*".¹¹ Daly, certamente, está se referindo aos procedimentos necessários para realizar as revisões de eventos discursivos tradicionais, o que ocorre nesta seção temática, onde vemos as variedades textuais e representativas dos almanaque revisionistas, e nos dirige ao ensinamento de Adrienne Rich, ainda efetivo no século XXI, em que se pode ler:

Re-visão – o ato de olhar para trás, de ver com olhos novos, de entrar em um texto velho a partir de uma direção crítica nova – é para nós mais do que um capítulo na história cultural: é um ato de sobrevivência.¹²

¹² "Re-vision – the act of looking back, of seeing with fresh eyes, of entering an old text from a new critical direction – is for us more than a chapter in cultural history: it is an act of survival" (1981, p. xix).